

MEMÓRIA HISTÓRICA /
HISTORICAL MEMORY



**DISCURSO PROFERIDO PELO PARANINHO DA
TURMA DE FORMANDOS DO 1º SEMESTRE DE
2018 DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM DIREI-
TO DA FACULDADE DE DIREITO DA UFMG, EM
SESSÃO DE COLAÇÃO DE GRAU, REALIZADA
NO DIA 19 DE JANEIRO DE 2018**

*SPEECH GIVEN BY THE CLASS SPONSOR OF THE
FIRST SEMESTER OF 2018 GRADUATE CLASS FROM
THE FEDERAL UNIVERSITY OF MINAS GERAIS LAW
SCHOOL ON THE GRADUATION CEREMONY, HELD
ON JANUARY 19, 2018*

*FÁBIO LUÍS GUIMARÃES**

Exmo. Sr. Diretor da Faculdade de Direito da UFMG, Prof.
Fernando Gonzaga Jayme,

Exma. Sra. Patronesse da Turma, Profa. Amanda Flávio de
Oliveira,

Exmo. Srs. Professores Homenageados, Giordano Bruno
Soares Roberto, Leonardo Netto Parentoni, Maria Teresa Fonseca
Dias e Werther Botelho Spagnol,

Senhores pais, familiares e amigos,

Meus queridos afilhados,

Senhoras e Senhores, BOA NOITE!

* Professor Substituto da Faculdade de Direito da UFMG (2016). Aluno do Curso de Doutorado em Direito do Programa de Pós Graduação da PUC/MG. Professor da Faculdade da Saúde e Ecologia Humana.
Email: fabjus100@ yahoo.com.br

Uma noite, para muitos, de despedida, de uma saudade que vem chegando sorradeira, com uma sensação de que o tempo, a rotina de estar na faculdade não pode passar; para outros, um momento de esperar por um reencontro com os colegas de turma, com os professores, nas diversas arenas da prática jurídica, daqui por diante como bacharéis.

No entanto, quero lembrar-me desta noite como uma data a ser comemorada pelos próximos anos, muito, mas muito além da curta exposição do “stories”, tal qual um nascimento que se festeja, de uma turma de formandos que é abrilhantada pelos talentos individuais que cada um de nós, professores, familiares, amigos, soubemos cultivar durante o tempo de sua graduação.

Chegar até aqui não foi fácil. Nossos queridos afilhados superaram a concorrência de muitos para o ingresso. Foram parar lá no *campus* da Pampulha. Passaram por um primeiro período com aquela ansiedade por começar logo a estudar a dogmática do Direito. Mas, graças a seus estudos propedêuticos, navegando pelas reflexões da Filosofia, da Sociologia, da Economia, tiveram facilitada a compreensão dos institutos jurídicos e puderam avaliar criticamente cada um deles, com a inteligência e a perspicácia que caracterizam os alunos da Casa de Affonso Penna.

Já entre as paredes de nossa Faculdade, vivenciaram o fascínio de percorrer os mesmos corredores, as mesmas salas por onde caminharam nossos admiráveis antecessores, ícones da história que tanto nos orgulham. Uma escola de Direito iniciada por Affonso Penna, Afonso Arinos, Augusto de Lima, João Pinheiro, entre tantos notáveis, que não se limitou a formar a mocidade mineira: elevou-se das Minas, atravessou as montanhas, tornou-se gerais com tantos jovens que vieram a destacar-se, como Tancredo Neves, Oscar Dias Correia, Sepúlveda Pertence, Antônio Augusto Cançado Trindade, Antônio Anastasia, Rubem Braga, Ziraldo.

Nossos queridos afilhados formam-se com a estirpe acadêmica diferenciada por excelência institucional no ensino do Direito, já centenária. Como bem lembra nosso querido professor Hermes Guerrero, são 125 anos de uma faculdade nascida livre, onde a tradição de inovar sempre esteve presente. Hoje, os senhores e as senhoras colam seu grau e, certamente, apresentam seus talentos

para os colocar em prática, sob o auspicioso juramento de fazer a justiça, buscar a paz e defender a liberdade.

Para cumprirem estas promessas, aproveitem-se de todo o conhecimento que lhes foi ofertado ao longo do curso. Lembrem-se das lições do Direito Civil, que os acompanhou durante toda a graduação. Nossos pioneiros professores Antônio Gonçalves Chaves e Virgílio Martins de Mello Franco ainda se orientaram pelas referências portuguesas, mesmo com as dificuldades de transposição da doutrina lusitana às terras então imperiais, como já nos lembrou o prestigiado professor Giordano Bruno. Mas nossa Casa contribuiu muito para a evolução do estatuto de nosso cotidiano, desde a elaboração do Código Civil de 1916, com o parecer elaborado pela comissão em que figuraram José Antonio Saraiva, João Luiz Alves, Mendes Pimentel, entre outros, passando pela preparação do Código de 2002, com Caio Mário da Silva Pereira.

Há, sem dúvida, desafios a enfrentar. Os flertes do Direito Civil com os preceitos constitucionais revelam a importância jurídica do pluralismo das formas de viver, de amar-se, de contratar-se, de organizar-se societariamente, de aproveitarmos das coisas e dos bens segundo a boa-fé e sua função social. Na *Vetusta*, é devotada uma especial atenção à perspectiva global, comparando nossos passos com as tendências estrangeiras, na busca de um marco mais civilizatório. Foi assim que testemunhei, na última banca em que estive com o professor Parentoni, tamanha maestria com que se trataria da desconsideração da personalidade jurídica.

Mas, mormente a longa convivência com o Direito Civil, é inegável que muitos se enamoraram com o Direito Penal e os institutos processuais que aplicam e executam suas sanções. Em tempo de violência, como o que vivemos, ponderamos sobre o alcance da *ultima ratio*, tencionando entre sucumbir à repressão estatal como garantia da sociedade ou assegurar os avanços protetivos dos direitos fundamentais e do devido processo legal, receosos de que a certeza da persecução de hoje possa tornar-se a arbitrariedade de um amanhã talvez próximo demais.

Ainda tiveram suas proveitosas discussões políticas, em cores ideológicas múltiplas, especialmente quando se detiveram no Direito Constitucional, no Direito Econômico, no Direito Administrativo e

até mesmo no Direito Tributário, sob as sisudas e magistralmente técnicas conferências de professor Werther.

Não posso deixar de lembrar que a Vetusta, ainda antes de 1896, mantinha um curso de formação jurídica e outro, de Ciências Sociais, numa proposta que se assemelha, desde 2007, com aquela ofertada em Ciências de Estado. Ainda que a distinção pareça reservar ao curso de Direito a qualificação para o exercício das profissões jurídicas, as disciplinas zetéticas, tanto as “teorias gerais” como os optativos “tópicos”, pretenderam conduzi-los a uma formação crítica e humanística, orientada para que considerem os valores que se imiscuem na construção e aplicação de cada norma jurídica. Valores estes, por sinal, que puderam amadurecer no território livre “José Carlos da Mata Machado”, nas disputas estudantis, inclusive no Centro Acadêmico Affonso Penna, nos projetos extensionistas.

Outrora, no tempo do memorável Washington Peluso Albino de Souza, nossa Vetusta Casa teve o privilégio de acolher pioneiramente no Brasil tais discussões ideológicas, sobretudo entre o liberalismo e os socialismos, numa disciplina original, o Direito Econômico. Desta sementeira, João Bosco Leopoldino da Fonseca trouxe a preocupação com o equilíbrio entre os atores econômicos, assim como, atualmente, a primeira Diretora de nossa Faculdade, professora Amanda, fez avançar esta reflexão com sua costumeira proficiência acadêmica no Direito Concorrencial e no Direito do Consumidor.

Além de problematizar as relações entre Estado e mercado, nossa Faculdade não poderia desdenhar do fenômeno da intensificação das relações sociais, num nível global, especialmente com a organização do Terceiro Setor e suas implicações para a atividade estatal. Destacou-se, pela pesquisa-ação, o projeto Polos Reprodutores de Cidadania, que recebeu inestimável contribuição da professora Maria Teresa, que, brilhantemente, também preparou nossos formandos para refletir sobre pontos de equilíbrio de uma Administração Pública que precisa ser legitimada e eficiente, responsável e ética, intervencionista, policialesca e sancionadora, além de participativa, descentralizadora e contratualizada.

Foi quando nos conhecemos. Uma turma de alunos extremamente preparados, com inteligências indóceis, já amadurecidos

por intensa leitura do Direito e ávidos por conhecimento. Cabia a mim, muito modestamente, prosseguir o diálogo sobre a trajetória e as perspectivas do Direito Administrativo – de modo a não frustrar as expectativas daqueles que já eram administrativistas e, ainda, atrair a atenção daqueles que estariam comprometidos com outras áreas de interesse.

Foi um grande desafio para mim. Primeiro, para conseguir capturar a situação de nosso Estado na atualidade, considerando a emergência de espaços públicos, não propriamente estatais, em que os interesses se multiplicam no espectro da individualidade à coletividade, com atores e mecanismos complexos em cena. Segundo, para explicar de forma clara, objetiva e com a pretensão de apresentar como interessante a relação jurídico-administrativa em seus diferentes planos, desde o plano interno às instituições, entre a Administração Pública e as entidades descentralizadas, entre prestadores de serviços públicos e usuários.

Uma dificuldade a mais veio durante o curso desta turma: a aprovação de um novo Código de Processo Civil. Mesmo sendo resultado da autêntica dificuldade de o Poder Judiciário atender à demanda processual, o novo processo passou a enfatizar os métodos alternativos para resolução de conflitos, pretendendo provocar uma mudança na cultura litigiosa brasileira, inclusive repercutindo no Direito Administrativo. Não foi por acaso que muitos formandos interessaram-se em discutir a extensão da consensualidade sobre os direitos indisponíveis que ainda dogmatizam a inflexibilidade da Administração Pública.

O curso, com a sucessão de disciplinas que eram aproveitadas com êxito, tinha de aproximar-se de seu fim. Chegaria, pois, a hora de estagiar, de contabilizar as horas de ACG, principalmente aquelas que faltavam, de fazer o projeto de TCC, de escrever a monografia e de defendê-la, e, para muitos, de preparar-se para o exame da OAB. Tudo isso, além de manter a rotina de estudos, de ser parte da família, de conviver com os amigos, de somar na grande torcida do América, de comemorar as conquistas do Cruzeiro, de sofrer junto com nosso querido Atlético Mineiro.

Mas, agora que passou, foi também bastante divertido. Foram muitas e ótimas as festas, especialmente a festa dos cem dias,

inesquecíveis os jogos jurídicos, aqueles que foram efetivamente disputados – ou não, os shows, os encontros que sempre seriam marcados por uma história folclórica, pelos personagens de sempre. Tudo isso fica na memória, nas entrelinhas de seu diploma e fazem parte desta conquista.

Enfim, cursados todos os créditos, cumpridas todas as horas extracurriculares, defendido com sucesso o trabalho de conclusão de curso, satisfizes-se o Colegiado, para, agora, conferir a cada formando seu título de bacharel em Direito. Porém, mais um alerta, a luta ainda continua...

Porque 2018 é um ano auspicioso para a formatura da Faculdade de Direito da UFMG. Fala-se em crises, econômica, política, ética. E os números estão aí, mostrando as dificuldades de nosso país desenvolver-se, como se espera. São noticiadas diariamente situações que desafiam o padrão usual de solução jurídica: se deve ocorrer ou não a prisão decorrente de condenações em segunda instância ou de mães cujos filhos delas dependeriam; quanto à validade e eficácia de colaborações premiadas; sobre a tutela para as novas formas de relação de trabalho; de como se implementar medidas de integridade na Administração Pública; da forma pela qual seria construída a regra de transição numa reforma previdenciária.

Evidentemente que os profissionais melhor preparados estarão mais aptos a resolver tais problemas, a enfrentar e solucionar crises. E, com toda certeza, a formação que a Vetusta Casa conferiu aos novos bacharéis é diferencial, é vantagem competitiva reconhecida aos senhores e senhoras ora formandos. Pela proposta curricular de ensino, pelas oportunidades de pesquisa e sua qualidade, pela abrangência dos projetos de extensão. Pela tradição de que são herdeiros. Pela robustez de seu diploma.

E é curioso pensar que, de todas as crises do momento, uma das mais preocupantes para a própria Vetusta talvez seja a do ensino superior do Direito. Antes, a expansão das faculdades era um problema, como já dizia Amílcar de Castro, porque se temia não se estruturarem instituições que pudessem oferecer um ensino com a qualidade desejada.

Atualmente, são tantos os cursos, tantas as instituições, tão excessiva a oferta de graduados em relação à demanda, que a estru-

tura de ensino precisaria ser alterada, em busca de uma eficiência que contasse com a melhor performance institucional, se possível com redução de custos. E, assim, passou a proliferar o ensino à distância, com professores qualificados pela boa apresentação frente às câmeras e monitores que pudessem satisfazer as eventuais dúvidas dos alunos, estes reduzidos à condição de consumidores de pacotes audiovisuais entregues às suas demandas de colocação no mercado. E, desde o final do ano passado, existe a possibilidade de efetivamente funcionar um curso de tecnólogo em serviços jurídicos, para prover aquelas atividades de mera “gestão” de processos.

Daí se indagar, na Vetusta, neste início de século, qual o sentido do ensino jurídico? As carreiras jurídicas tenderiam a manter-se com as mesmas características de quando concebidas? O mercado de trabalho, para o Direito, estaria disponível para qual perfil profissional? E sobretudo: temos de nos adaptar a essa nova realidade? Ou não?

As respostas, provavelmente, devem considerar um dos elementos que identificam os novos bacharéis desta noite: sua imersão no mundo digital. Se não nasceram com um Wi-Fi ligado, aprenderam muito cedo a conectar-se e a navegar de uma maneira que minha geração tem dificuldades em fazer. E isso faz toda a diferença. A facilidade tecnológica no trânsito de informações aproxima pessoas diferentes e distantes. A agilidade com que as comunicações acontecem afeta o consumo das pessoas, gerando produtos, serviços, trabalhos que só se concebem pelo acesso a uma realidade paralela, sensível ao toque da ponta de nossos dedos.

Na origem, a Vetusta queria formar a mocidade mineira, para atuar dentro das fronteiras estaduais, quando muito nacionais. Hoje, precisamos produzir cultura jurídica para indivíduos globalizados, que possam utilizar aqui e agora seus conhecimentos para se superarem sempre e assim serem bem sucedidos. Enquanto professores, enquanto instituição de ensino, nosso desafio talvez seja justamente poder conciliar a oferta desta formação holística com as necessidades de nosso mundo, seja do nosso planeta, de nosso país, de nossa comunidade local.

Enquanto novos bacharéis em Direito, o primeiro desafio seja o de encontrar seu lugar no mundo, um mundo que possa ser

mais justo, suficientemente próspero e harmonioso, enfim, prazeroso de se viver. E este mundo só é e será possível por causa da atuação e do protagonismo de cada um dos senhores e senhoras hoje formandos. Eu não tenho a menor dúvida que o futuro será um maravilhoso presente, porque os senhores e as senhoras tiveram um passado, identificando-se pela qualidade de sua formação na Vetusta Casa de Affonso Penna.

Seu sucesso, creiam, é certo. A ansiedade, a coragem, a curiosidade, a perseverança, a disciplina que desenvolveram ao longo dos últimos semestres letivos imprimiram virtudes na sorte de cada um dos senhores e das senhoras. Confiam no primeiro passo, que a caminhada acontecerá. Se tropeçarem, ergam a cabeça, com o mesmo olhar firme de determinação, aquele mesmo que vinha antes da prova final da matéria que mais precisavam de pontos para passar, e levantem-se. Nós, professores, familiares, amigos, a Vetusta, estaremos lá com cada um, para prosseguir, para avançar, para vencer as lutas que virão.

Enfim, só pode haver duas exortações possíveis, para encerrar este breve discurso. A primeira é de gratidão. Tenho muito a agradecer por estar aqui, agora. Tudo começou quando fui lembrado por Giovani Clark de um processo seletivo para professor substituto de Direito Administrativo e de Direito Econômico no final de 2015. Numa banca demasiado generosa, Maria Teresa, Leandro Novaes e Daniel Gaio acabaram por me aprovar, iniciando-se, para mim, o desafio de substituir a professora Amanda e o professor Luciano Ferraz já no primeiro semestre letivo de 2016. Esforcei-me, reuni o melhor de minha pouca experiência docente, para contribuir minimamente para formar os alunos que vieram. Quando fui homenageado pela última turma, fiquei surpreso e, claro, feliz. Pelo ano de 2017, continuei. E foram os senhores e as senhoras formandos, novos bacharéis, que me deram uma honraria sem igual, colocando-me Paraninfo ao lado de professores notáveis e dos mestres que eu admiro tal como heróis, a Patronesse e os homenageados que aqui estão. Justamente hoje me despeço do magistério na Vetusta, com a felicidade estampada em meu coração, reflexo dos olhares triunfantes de cada um dos novos bacharéis. Mas quero, por toda minha vida, manter-me à altura de tamanho prestígio e agradecer imensamente a todos que participaram desta história.

E a segunda exclamação, claro, é de esperança. Aliás, de verdadeiro entusiasmo com a força desta turma de bacharéis que a Vetusta Casa de Affonso Penna entrega ao mundo. Olho para os senhores e as senhoras e vejo vitória. Enxergo os desafios já enfrentados e superados, as dificuldades que foram deixadas para trás, como lágrimas vertidas sem qualquer vestígio. Em suas faces, serenas, seguras, a certeza de que as lutas futuras serão também superadas, que o reconhecimento chegará pela aprovação no concurso desejado, pelo sucesso da advocacia, pela riqueza e bem-estar que produzirão e que alcançarão, enfim, pelos incontáveis frutos que colherão ao longo do caminho que está à sua frente. Tenham fé e confiança em si mesmos. Acreditem em seus sonhos. Não se desanimem, nem se acomodem. Queiram o melhor e muito. Visitem sempre que possível a Faculdade que hoje celebra sua formatura. E, para encerrar com uma poesia, como todos os paraninfos fazem, mas bem mineira, cuidem da vida, cuidem do mundo, tomem conta da amizade, colham a alegria e os muitos sonhos que estão espalhados pelo caminho, mantenham a juventude em seus corações, nossos eternos estudantes.

Fiquem bem, com Deus. Obrigado.

